

A "MEMÓRIA" COMO FUNDAMENTO E LEGITIMAÇÃO: BEATRIX POTTER E A HISTÓRIA DO PEDRITO COELHO NAS METAS CURRICULARES DE PORTUGUÊS

Sara Reis da Silva
IE-Universidade do Minho
CIEC / LITER21 - LIJMI (USC) / ELOS-ANILIJ

Resumo: A inclusão de *A História de Pedrito Coelho* (1901/1902) na «Lista de Obras e Textos para ler e ouvir ler» das *Metas Curriculares de Português para o Ensino Básico* vem aproximar o texto (clássico) de Beatrix Potter dos pequenos leitores portugueses, participando do conjunto de leituras "mínimas", que se tornam comuns a todos os alunos do 1.º ciclo do Ensino Básico. No presente ensaio, analisa-se esta obra clássica, procurando situá-la na História da Literatura para a Infância, a partir da abordagem crítica das suas singularidades técnico-compositivas e ideotemáticas. Distinguindo-se como parte-integrante de uma larga tradição narrativa que envolve animais com traços humanos (não raras vezes, de índole infantil), a obra de Beatrix Potter permite equacionar e reafirmar a relevante função da memória literária.

Palavras-chave: Beatrix Potter, *A História do Pedrito Coelho*, álbum narrativo, clássico, memória literária.

Abstract: The inclusion of *The Tale of Peter Rabbit* (1901/1902) in the "List of Works and Texts to read and to hear read" of the Curricular Goals for Portuguese [*Metas Curriculares de Português para o Ensino Básico*] made young portuguese readers to come closer to the text (classic) by Beatrix Potter, participating in the set of "minimum" readings that become common to all students of the 1st cycle of basic education. In this essay, we analyse this classic work, seeking to place it in the History of

Children's Literature, from a critical approach to its technical and compositional as well as thematic and ideological singularities. Distinguishing itself as an integral part of a wide-narrative tradition that involves animals with human traits (not rarely, child character), the work of Beatrix Potter helps to question and reaffirm the relevant role of literary memory.

Keywords: Beatrix Potter, *The Tale of Peter Rabbit*, picturebook, classic, literary memory.

Quando, em 1901/1902, Beatrix Potter (1866-1943) publica, a expensas próprias⁷⁴, *The Tale of Peter Rabbit* (*A História do Pedrito Coelho*), obra clássica, historicamente antecedida, em Inglaterra, por *Um Conto de Natal/Canção de Natal*, de Charles Dickens (1843), *Alice no País das Maravilhas*, de L. Carroll (1864), *O Príncipe Feliz e Outras Histórias*, de Oscar Wilde (1888) ou *O Livro da Selva*, de Rudyard Kipling (1894), apenas para citar alguns exemplos, em Portugal, nesse mesmo ano (1902), além da tradução das obras de Perrault, Ana de Castro Osório (1872-1935), que, já em 1897, por exemplo, tinha editado, *Contos Maravilhosos para Crianças*, assina *As Boas Crianças*, ambos integrados na coleção "Para as Crianças" (iniciada em 1897) e ambos também com ilustrações de Leal da Câmara⁷⁵. De assinalar que, à data, tinham já vindo a lume, entre outros, *Contos para a Infância*, de Guerra Junqueiro (1877), *Contos para os Nossos Filhos*, de Maria Amália Vaz de Carvalho e Gonçalves Crespo (1882), *Tesouro Poético da Infância*, de Antero de Quental (1883), ou *A Fada Tentadora*, de Virgínia de Castro e Almeida (Gi) (1895).

Efetivamente, no nosso país, até aos primeiros anos do século XX, são relativamente escassos os títulos preferencialmente destinados aos pequenos leitores e muito longe estava ainda a época em que se começaram a ensaiar os primeiros passos no terreno da criação literária aliada

⁷⁴ Apenas 250 exemplares.

⁷⁵ Para saber mais sobre a História do livro infanto-juvenil em Portugal, é imprescindível a consulta da tese de doutoramento *O Livro Infantojuvenil em Portugal entre 1879 e 1940 – uma perspectiva histórica*, da autoria de Raquel Patriarca, estudo recentemente (2012) apresentado e defendido na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

a uma composição visual da mesma autoria, como sucedeu, muito mais tarde, pela arte de Leonor Praça (1936-1971), Maria Keil (1914-2012) ou Manuela Bacelar (Coimbra, 1943), autoras com a dupla vocação da escrita e da ilustração.

O sucesso e a popularidade de *A História do Pedrito Coelho*, um fenómeno editorial⁷⁶, decorrente, segundo alguns estudiosos, do tratamento de temáticas relacionadas com o processo de socialização e aculturação infantil (Goodman, 2009: 84) – em particular, dos tópicos da desobediência e da transgressão –, ou, segundo outros, do facto de ter sido escrito e ilustrado pela mesma pessoa (Nodelman, 1988), por outras palavras, ainda, a sua resistência à erosão do tempo, permite situar esta obra no universo dos "clássicos universais". Ana Maria Machado, por exemplo, em *Como e Por Que Ler os Clássicos Universais Desde Cedo* (2002), afirmando como clássico um livro eterno ou que não sai de moda, enfatiza o risco das novas gerações de leitores não compreenderem a literatura contemporânea, porque ignoram os clássicos que a precedem. Tece, pois, diversas considerações em torno do livro de Beatrix Potter e regista: «Os vários livros da coleção, escritos a partir da observação de bichos de verdade, que se transformavam em personagens (...), acabaram virando uma instituição nacional na Inglaterra e no mundo de língua inglesa. Foram filmados, adaptados para cinema, video e uma bela encenação dançada pelo Royal Ballet. Multiplicaram-se em todo o tipo de objetos para o mercado infantil: roupas, bichos de pelúcia, louça, decoração de quarto de criança. // Mas a sua incorporação pela máquina do consumo não deve nos fazer esquecer que Beatrix Potter é uma das vozes mais originais da literatura infantil, tendo realizado uma ruptura revolucionária ao tratar seus leitores sem condescendência nem qualquer vestígio de tatibitate ou concessão ao meloso» (Machado, 2002: 116).

Não deixa, pois, de surpreender o facto de os contos em forma(to) de álbum⁷⁷ narrativo de Beatrix Potter, publicados em Inglaterra entre

⁷⁶ Goodman nota que *Pedrito Coelho* se encontra «available in almost any format imaginable, from board and stencil books, to CD-ROMs and dolls» (Goodman, 2009: 81).

⁷⁷ Adota-se, aqui, a designação avançada por José António Gomes (2003).

1902 e 1930 e traduzidos em mais de dez línguas, apenas terem vindo a lume no nosso país (em língua portuguesa) a partir da década de 90 do século XX, à data com a chancela da Verbo e tradução de Maria Isabel Mendonça Soares e Carlos Grifo Babo⁷⁸. Mais tarde, já no final dos anos 90 (1997), a Europa-América editou *O Coelho Pedro e Outros Contos*, com tradução de Maria Mello, volume reeditado em 2007. Nesse mesmo ano⁷⁹, a Civilização Editora principia a publicação da coleção inaugurada com *A História do Pedrito Coelho*, título seguido de outros sete⁸⁰, desta feita, com tradução de Manuela Junqueira, Bárbara Maia e Rita Vanez⁸¹, uma série de livros ainda mais ou menos disponível no mercado nacional.

Também na historiografia da literatura para a infância em Portugal⁸², a obra de Beatrix Potter, conquanto seja composta por vinte e três narrativas de inegável sucesso internacional, como mencionámos, é alvo de uma referência pontualíssima feita por Natércia Rocha, em *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal* (1984/2001), a propósito do aparecimento da litografia e da impressão a três cores, no século XIX, e a par de artistas como Caldecott, Kate Greenway e Gustave Doré. Além disso, ao contrário do que se verifica na cultura anglo-saxónica, são igualmente raros os estudos portugueses em torno da produção literária da autora⁸³.

78 O títulos editados, perfazendo o total de 12, são os seguintes: *A História do Alfaiate Velhote*; *A História do Esquilo Trinca-Nozes*; *A História do Pedrito Coelho*; *A História dos dois Ratos Marotos*; *A História do Coelho Casimiro*; *A História da Senhora Pica-Pisca*; *A História do Tó Gatinho*; *A História da Rã Jeremias*; *A História dos Coelhinhos Flopsi*; *A História da Pata Patricia*; *A História da Senhora Rata Migalha*; e *A História do Timóteo Pé-Leve*.

79 Recorde-se que este é também o ano em que esta editora edita o romance *O Mundo Encantado de Beatrix Potter*, de Richard Maltby, Jr., uma adaptação do guião do filme homónimo, de 2006, dirigido por Chris Noonan, e que integrou atores como Renée Zellweger, Ewan McGregor e Emily Watson. Biografia da autora inglesa, esta película despertou a atenção do público português para esta a obra desta escritora.

80 Os volumes publicados, e ainda relativamente acessíveis no mercado livreiro, são os seguintes: *A História da Pata Patricia Patanisca*; *A História da Rã Jeremias*; *A História da Senhora Rata Migalha*; *A História do Coelho Casimiro*; *A História do Esquilo Trinca-Nozes*; *A História do Tó Gatinho*; e *A História dos Coelhinhos Flopsi*.

81 A autoria da tradução de alguns títulos apresenta-se “indefinida”: “Tradução e paginação Departamento Editorial da Civilização Editora”.

82 Referimo-nos: a Lemos (1972), Pires (1983); Rocha (1984/2001) e Gomes (1997).

83 Conhecemos apenas dois: Ramos, s/d, um breve ensaio disponível em pdf no portal do projeto Gulbenkian/Casa da Leitura; Morais, 1998.

A inclusão de *A História de Pedrito Coelho* na «Lista de Obras e Textos para ler e ouvir ler» das *Metas Curriculares de Português para o Ensino Básico*, como elemento de um par (opção) composto também por *A Ovelhinha Preta*, de Elizabeth Shaw (1920-1992), vem aproximar o texto (clássico) de Beatrix Potter dos pequenos leitores do nosso país, participando do conjunto de leituras “mínimas”, que se tornam comuns a todos os alunos do 1.º ciclo do Ensino Básico, e que contemplam textos modal e geneologicamente diversos, de autoria variada, de diferentes épocas e tendências, nacionais/lusófonos e estrangeiros. Integrando o cânone de leituras escolares e sendo o seu valor assim reconhecido por via da prática de ensino, o processo de legitimação desta obra é, pois, (as)segur(ad)o, garantindo-se a sua estabilidade e notoriedade pública (Reis, 2008: 25). Recorrendo aos termos genéricos de Carlos Reis, note-se que «Os sistemas de ensino, os seus agentes e os instrumentos pedagógicos de que dispõem, tendem [também] a converter-se em instâncias de validação institucional da literatura» (*idem, ibidem*: 36), perspectiva à qual aduz a ideia de que «o processo de constituição do cânone é indissociável de uma utilização institucional da literatura, no quadro do sistema de ensino» (*idem, ibidem*: 38).

Além disso, distinguindo-se como parte-integrante de uma larga tradição narrativa que envolve animais com traços humanos (não raras vezes, de índole infantil) – remontando, pelos menos, às fábulas de Esopo, por exemplo, ou aos contos de animais da tradição oral –, a obra de Beatrix Potter permite reafirmar a relevante função da memória (em concreto, do sistema literário), na medida em que, sendo um mecanismo que fertiliza a leitura literária, poderá acordar no recetor «motivos, imagens, símbolos, temas, esquemas formais, técnicas compositivas, estilemas, etc.» (Silva, 1990: 263) em diálogo e/ou confluência que convalidam a homeostase do sistema literário.

A análise e interpretação de *A História de Pedrito Coelho* que nos propomos levar a efeito, procurando decodificar criticamente e avaliar esteticamente o discurso literário, partirá da aceção desta obra como um texto multimodal, no qual a vertente verbal e a componente visual participam, de forma articulada, do modo especial encontrado por Beatrix Potter para

celebrar uma especial cumplicidade entre o seu potencial leitor e, por exemplo, as personagens que habitam a narrativa, com elas se identificando e criando afinidades com relativa facilidade.

Com efeito, esta narrativa foi criada tendo em mente um destinatário específico/concreto infantil⁸⁴, tendo sido escrita inicialmente, em 1893, como uma série de “cartas ilustradas” enviadas a Noel Moore, filho da amiga e governanta de Beatrix Potter, Annie Carter. Assim sendo, e atendendo ao facto de, para a criança-leitora (ou pré-leitora), as ilustrações poderem garantir o direito a uma (certa) leitura (a visual), sendo, assim, inclusivas, e representando uma garantia no acesso à literatura, não surpreende que a composição visual seja muito cuidada, generosa em pormenores e muito próxima do real naturalista que a autora tão bem conhecia. Na realidade, aqui, como em outras obras, as ilustrações funcionam como um relevante apoio na perceção, na descodificação e na concretização de sentidos, abrindo caminho à inferência, motivando a fruição criativa dos leitores e potenciando, ainda, a intimidade com o livro.

E, mesmo no momento em que decide transformar as cartas em questão em livros, Potter, prevendo o tipo de leitor (desejado) para a sua obra, bate-se pela opção por um formato reduzido, uma dimensão que permitisse a/convidasse à manipulação por pequenas mãos. Tratava-se, na verdade, de um gesto que, em tudo, materializava o que preconiza Perry Nodelman: «The size of a book also influences our response to it. We tend to expect (...) more fragile, delicate stories like those of Beatrix Potter from smaller ones. (...) We tend to read smaller books expectating charm and delicacy (...). We associate both very small and very large books with the youngest of readers. Presumably, the very small ones can be held by very small hands, while the very large pictures in the very large ones can be interpreted by inexperienced eyes» (Nodelman, 1988: 44). Recorde-se que, em Portugal, os primeiros volumes editados pela Verbo respeitam a referida opção gráfica, apresentando-se visivelmente pequenos.

84 Cf. «Like the artist and author Edward Lear (1812-88) whose work she much admired, Potter thus addressed Peter Rabbit to a real child, and attributed the success of the book, at least in part to this (...)» (Goodman, 2009: 84).

Se esta é uma atitude/posição indiscutivelmente inovadora (“muito à frente do seu tempo”) à época da primeira edição, observa-se, ainda, um conjunto de outras **razões** – cinco no total e na nossa perspetiva – que justificam a valorização e o reconhecimento da qualidade estética de *A História de Pedrito Coelho* – e, mesmo, a sua presença na lista, incluída no documento das *Metas Curriculares de Português para o Ensino Básico*.

Primeiramente, atente-se no próprio protagonista e nas suas acções, para concluirmos que Peter Rabbit, pequeno coelho irrequieto e desobediente, corporiza um dos dilemas centrais – talvez mesmo o maior – da infância: «whether one should act naturally in accordance with one’s basic animal instincts or whether one should do as one’s parents wish and learn to act in obedience to their more civilized codes of behavior» (Nodelman, 1988: 116), como defende P. Nodelman. Trata-se, também e em última instância, da justificação para o lugar proeminente que as narrativas povoadas de animais antropomorfizados, recebidas eficazmente pelos pequenos leitores, ocupam na literatura para a infância.

Com efeito, animais e valores (virtudes ou defeitos), simbolicamente representados, corroboram a perspetiva de Peter Hollindale (2009) que, analisando o diálogo entre a comédia vivida por animais humanizados e a verdade biológica⁸⁵, nunca afastada das vivências (e, obviamente, da arte) de Beatrix Potter, atesta a presença de Esopo “na sua sombra” e considera-a uma «post-fabulist artist of the modern age» (Hollindale, 2009: 98).

Em **segundo lugar**, *A História do Pedrito Coelho* possibilita uma análise que reabilita ou comprova a relevância de um dos três grandes vetores da História Literária, disciplina que, como acentua Carlos Reis, foi «fortemente abalada nos seus alicerces e nas suas convicções por modernas correntes críticas» (Reis, 1981: 62), muito embora se assumia como crucial o seu conhecimento para a conformação de uma educação literária, como enfatiza e clarifica Blanca-Ana Roig Rechou (2013)⁸⁶. O vetor da

85 Cf. «the partially coded presence of Beatrix Potter the naturalist in the work of Beatrix Potter the artist and the storyteller» (Hollindale, 2009: 96).

86 Cf. «Para levar a cabo os obxectivos da educación literária o mediador debe partir dos coñecementos transmitidos a partir das Historias da Literatura, é dicir, deses manuais que resultan da disciplina “Historia Literaria” que se ocupa da investigación das fontes

História Literária ao qual nos referimos é o do biografismo, entendido aqui, não como a preocupação em «devassar pormenores mais íntimos da vida do escritor» (*idem, ibidem*: 64), hiperbolizando-se dados que em nada concorrem para uma interpretação crítica do texto, mas como um contributo metodológico para uma leitura na qual certas notas biográficas poderão ser eventualmente esclarecedoras de determinados eixos semânticos. O caso de Beatrix Potter é, a este título, exemplar, como avançam, por exemplo, Marcia Rackow e Peter Hollindale. Recorrendo à formulação deste último investigador, concretizamos, pois, perspectiva enunciada: «Although we might all feel the books matter most, we must nevertheless recognize (...) that always – from the early childhood dissections, carried out upstairs at Bolton Gardens, via the South Kensington Museum (now the Victoria and Albert Museum), the Natural History Museum, and Kew, to later life as a Lakeland farmer – Potter was a meticulous student of natural history and natural Science. Unless we follow her example, we may fail to decode her stories (Hollindale, 2009: 97). Acrescenta, ainda, que «reading the books as conversations through the medium of fantasy between those two selves, these two Beatrix Potters, we can appreciate the originality of her achievement» (*idem, ibidem*: 98).

A este título e ponderando até um possível desenho de algumas propostas didáticas a desenvolver em contexto escolar em torno de *História do Pedrito Coelho*, e enquanto estratégia de captação da atenção dos pequenos leitores, talvez valha a pena lembrar sumariamente ou induzir à descoberta de bionotas de Beatrix Potter, destacando, por exemplo, que a autora nasceu em Londres em 1866 e que, na sua infância, bastante solitária, aprendeu pintura e História Natural e, ainda, que o seu amor pelo campo e pelos animais que aí habitam nasceu durante as férias que, em criança, passou na Escócia e, mais tarde, na Região dos Lagos, onde morou nos últimos trinta anos da sua vida.

Em **terceiro lugar**, ao centrarmos a atenção no próprio discurso literário, muito simples e depurado, «supple and elegant, without a superfluous syllable» (Mackey, 2009: 89), uma prosa «impeccably polite and precise» (Neumark, 2009: 66), facilmente concluímos que este se destaca também por dar conta de uma arquitetura textual que segue um dos modelos narrativos/actanciais mais comuns na escrita para os mais novos, a saber situação inicial, peripécias, ponto culminante e desenlace, possuindo com efeito, vários ingredientes do agrado do leitor infantil, como sejam a aventura e o risco da transgressão, o perigo e o medo numa perseguição, a dor e a perda, a superação das dificuldades (portanto, uma especial vitória) e o regresso a casa. A aposta numa narração sequencialmente encadeada, com momentos bem definidos, a introdução do discurso directo e ou de diálogos rápidos e vivos, bem como o desenlace positivo favorecer a receção/adesão por parte dos leitores mais novos. Recorde-se, segundo alguns críticos (Carpenter e Prichard, 2005), os livros de Beatrix Potter são os primeiros clássicos ingleses especialmente vocacionados para crianças muito pequenas.

Além disso, e em **quarto lugar**, *A História do Pedrito Coelho* poderá motivar a reflexão acerca de tópicos que não são, de forma alguma, triviais, porque, na verdade, a autora, no seu tom gentil e subtil e sob uma aparência/superfície calma, escondeu mensagens profundas⁸⁷. Na narrativa, sobressai o tratamento de uma variedade de temáticas, umas mais comuns às narrativas para a infância, outras com uma presença absolutamente rara, como a morte, aqui ficcionalizada a partir do recurso a uma ironia sem complacências. Releia-se, a este propósito, o *incipit* da narrativa em análise que, aqui, proporciona o acesso aos elementos fundamentais do universo diegético a representar (Reis, 1996):

Era uma vez quatro coelhos pequeninos chamados Flopsi, Mopsi, Rabinho de-Algodão e Pedrito.

e reações mutuas dos textos literários e da análise e mais da elucidación da súa xénese, tanto desde o punto de vista da traxectoria biográfica e creativa dos seus autores coma do contexto estético e cultural pertinente (...). É preciso revalorizar as Histórias da Literatura polo ben da lectura e da cultura, para iso hai que esquecer, dunha vez por todas, as consideracións decimonónicas que seguen a demonizalas (...)» (Roig Rechou, 2013: 19-20).

87 Cf. «Her tale has been providing an explosive force for many generations of children encouraging them to self-indulgence, disobedience, transgression of social boundaries and ethics, and assertion of their wild, unpredictable nature against the constrictions of civilized living» (Scott, 2009: 112).

Os coelhinhos viviam com a mãe numa toca quentinha, escavada sob as raízes de um enorme abeto.

– Ora bem, meus queridos – disse a Senhora Coelho certa manhã –, podem ir para os campos ou passear pelo caminho abaixo, mas não vão para o quintal do Senhor Gregório. O vosso pai teve lá um acidente e acabou metido numa empada pela Senhora Gregório (Potter, 2007: 6-7).

De notar, igualmente, neste, como em outros momentos do relato, a presença do humor, um humor «seco e sutil, construindo a recuperação do irônico numa linguagem direta e exemplar, de rara economia» (Machado, 2002: 116).

Pressente-se, ainda, uma particular conceção autoral de infância, substantivada quer nos gestos e nas acções do próprio protagonista – «que era muito malandro» (*idem, ibidem*: 10) – e das suas irmãs – «coelhinhos bem-comportadas» (*idem, ibidem*: 8) –, quer na atitude maternal em face dos comportamentos divergentes dos filhos. Revisite-se, a este título, a sequência narrativa final:

O Pedrito correu sem olhar para trás até chegar a casa, debaixo de grande abeto. Estava tão cansado que se deixou cair no chão macio da toca e fechou os olhos. A mãe estava ocupada a cozinhar; perguntou-lhe o que tinha feito com a roupa. Era o segundo casaco e o segundo par de sapatos que ele perdia em quinze dias!

Lamento ter de dizer que o Pedrito não passou nada bem a noite.

A mãe mandou-o para a cama. Depois fez chá de camomila e deu-lhe uma grande dose.

– Uma colher de sopa bem cheia antes de deitar!

Mas Flopsi, Mopsi e Rabinho-de-Algodão comeram pão fresco, leite e amoras ao jantar. (*idem, ibidem*: 27-29).

Finalmente, um **quinto e último aspecto**: a vertente visual e a sua conjugação com as palavras. Em *História de Pedrito Coelho*, a linguagem verbal alia-se a delicadas ilustrações a aguarela, sendo a história, assim, contada a partir de um jogo intersemiótico particularmente estimulante e fértil, celebrado entre ambos os códigos. Complementando quase sempre o texto linguístico e integrando outras possibilidades de leitura, a componente pictórica é profusa, diversamente situada no espaço da página

e especialmente significativa se atendermos ao seu papel facilitador na aproximação/descodificação da mensagem verbal e, até, de certas singularidades da estrutura narrativa. As ilustrações, todas sem moldura ou contorno e com um formato irregular, encontram-se disseminadas por todas as páginas da publicação (sem exceção) e, por vezes, antecedem o texto verbal – como sucede logo na abertura do texto, por exemplo –, uma estratégia que proporciona um interessante exercício inferencial. Além disso, vão sendo, quase sempre, intercaladas com pequenos segmentos de texto verbal, opção que resulta num grafismo marcado por uma relativa regularidade e pela leveza.

Uma referência, ainda, ao facto de, no volume em análise, as guardas iniciais e as guardas finais surgirem ilustradas, ostentando uma reprodução de algumas das personagens mas conhecidas da produção literária da autora.

Do estilo da composição visual de Beatrix Potter transparece uma singular interpretação das histórias por si contadas. Nas suas ilustrações, a pequenez das figuras animais, envolvidas em atividades humanas, são recriadas a partir de uma paleta de cores constante e suave, funcionando como «a source of immediate sensual pleasure in and for themselves» (Nodelman, 1988: 3).

Apelidada por uns como «post-fabulista», por outros como subversiva, por outros, ainda, como irrecusável, parece consensual a ideia de Beatrix Potter ser autora de uma sofisticada criação artística, na qual se harmonizam na perfeição “ciência”/ “realismo” e arte, coisa, como escreve Ana Maria Machado, «de quem levava a criança a sério e fazia questão de só dar aos pequenos leitores o que havia de melhor – em palavras ou ilustrações. Uma admirável raridade» (Machado, 2002: 117).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARPENTER, Humphrey e Mari PRICHARD (2005). *The Oxford Companion to Children's Literature*. Oxford/NY: Oxford University Press.
- GOODMAN, Sharon (2009). “Introduction” a “Beatrix Potter, *The Tale of Peter Rabbit* (1902)”. En Heather Montgomery e Nicola Watson

- (eds.). *Children's Literature. Classic Texts and Contemporary Trends*. NY/London: The Open University/Palgrave Macmillan, 81-86.
- GOMES, José António (1997). *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa: IPLB-MC.
- _____. (2012). "O conto em forma(to) de álbum: primeiras aproximações", *Malasartes. Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude*, n.º 12, 3-6.
- GUIJARRO, A. Jesús Moya (2010). "A Multimodal Analysis of *The Tale of Peter Rabbit* within the Interpersonal Metafunction", *Atlantis. Journal of the Spanish Association of Anglo-American Studies*, n.º 32.1, 123-140. Disponível em <http://www.atlantisjournal.org/ARCHIVE/32.1/2010MoyaGuijarro.pdf> (consultado 22/11/2013).
- HOLLINDALE, Peter (2009). "Aesop in the Shadows". En Heather Montgomery e Nicola Watson (eds.). *Children's Literature. Classic Texts and Contemporary Trends*. NY/London: The Open University/Palgrave Macmillan, 96-99.
- LEMONS, Esther de (1972). *A Literatura Infantil em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação Nacional/Direcção-Geral da Educação Permanente.
- MACHADO, Ana Maria (2002). *Como e Por Que Ler os Clássicos Universais desde Cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- MACKEY, Margaret (2009). "Peter Rabbit: Potter's Story". En Heather Montgomery e Nicola Watson (eds.). *Children's Literature. Classic Texts and Contemporary Trends*. NY/London: The Open University/Palgrave Macmillan, 87-95.
- MORAIS, Alexandra Maria de Almeida Matos Pereira de (1998). *A tradução do texto literário para crianças: reflexões a partir da versão portuguesa das obras de Beatrix Potter*. Porto: s/n (texto inédito polycopiado).
- NEUMARK, Victoria (2009). "The Tale of Peter Rabbit". En Julia Eccleshare (ed.). *1001 Children's Books You Must Read Before You Grow Up*. London: Quintessence, 66.
- NODELMAN, Perry (1988). *Words About Pictures. The narrative art of children's picture books*. Athens/London: The University of Georgia Press.
- PIRES, Maria Laura Bettencourt Pires (1983). *História da Literatura Infantil Portuguesa*. Lisboa: Vega.
- POTTER, Beatrix (2007). *A História do Pedrito Coelho*. Porto: Civilização.
- RACKOW, Marcia (s/d). "Wonder and matter-of-fact meet – the imagination of Beatrix Potter". Disponível em <http://www.aestheticrealism.net/Aesthetic-Potter/Aesthetic-Potter.html> (consultado 22/11/2013).
- RAMOS, Ana Margarida (s/d). "O Sonho no Armário. Um breve olhar sobre a obra de Beatrix Potter um século depois". Originalmente para: *Das Artes, das Letras – Suplemento Cultural de O Primeiro de Janeiro*, 18 de Fevereiro de 2008. Disponível em http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/abz_indices/001385_SA.pdf (consultado 23/11/2013).
- REIS, Carlos (1981). *Técnicas de Análise Textual*. Coimbra: Almedina (3ª ed. revista).
- _____. (2008). *O Conhecimento da Literatura*. Coimbra: Almedina (4ª reimpressão).
- ROCHA (1984). *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*. Lisboa: ICLP.
- _____. (2001). *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal. Nova Edição Actualizada até ao ano 2000*. Lisboa: Caminho.
- ROIG RECHOU, Blanca-Ana (2013). "Educação Literária, História Literária e Literatura Infantil e Juvenil". En Maria Madalena M. C. T. e Isabel Mociño (coord.). *Literatura para a Infância e a Juventude e Educação Literária*. Porto: Deriva, 13-31.
- SCOTT, Carol (2009). "Perspective and Point of View in *The Tale of Peter Rabbit*". En Heather Montgomery e Nicola Watson (eds.). *Children's Literature. Classic Texts and Contemporary Trends*. NY/London: The Open University/Palgrave Macmillan, 100-113.
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e (1990). *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina (8ª ed.).